



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
affectio@antares.udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
ISSN (versión impresa): 2215-8774
Colombia

2013
Luciana Piza & Sonia Alberti
**O MASOQUISMO ERÓGENO COMO POSIÇÃO SUBJETIVA ORIGINAL E SUAS IMPLICAÇÕES
NA VIDA SEXUAL INFANTIL**
Revista Affectio Societatis, Vol. 10, N° 18, junio de 2013
Art. # 2
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

O MASOQUISMO ERÓGENO COMO POSIÇÃO SUBJETIVA ORIGINAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA SEXUAL INFANTIL¹

Luciana Piza² & Sonia Alberti³

Resumo

Na contramão de uma lógica maniqueísta, que atualmente faz do tema do abuso sexual mais um instrumento da forclusão do sujeito no discurso, visamos retomar a teoria psicanalítica do masoquismo, aquele que, segundo Freud, é universal, em função da “aspiração masoquista na vida pulsional dos seres humanos” (Freud, 1924/2006: 165), derivada do fato de que “todo sujeito é assujeitado ao Outro, é *assujeito*” (Lacan, 1957-58/1999: 195). Verificamos a atividade implicada no masoquismo, e nesse contexto, o “se fazer” objeto, que Lacan (1964) associa à pulsão, distinguindo a posição neurótica da perversa na questão.

Palavras-chave: masoquismo, o assujeito, pulsão, abuso sexual.

¹ Este artículo es parte de la investigación de la tesis de doctorado de Luciana Piza, que tiene como directora de tesis a la Doctora Sonia Alberti. Este doctorado se hace en el Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro y debe terminar en el año 2013.

² Psicanalista. Doutoranda pelo Programa de Pesquisa e Clínica em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Participante de Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Psicóloga da Marinha do Brasil. lucianafpiza@gmail.com

³ Professora Associada no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Procientista (UERJ). Pesquisadora do CNPq. Psicanalista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. sonialberti@gmail.com

EROGENOUS MASOCHISM AS THE ORIGINAL SUBJECTIVE POSITION AND ITS IMPLICATIONS FOR CHILD SEXUAL LIFE

Abstract

Unlike a Manichean logic which currently makes of the issue of sexual abuse primarily an instrument of foreclosure of the subject in the discourse, the aim is to return to the psychoanalytic theory of masochism. This one, according to Freud, is universal, because of the "masochistic aspiration in the drive life of all human beings" (Freud, 1924/2006: 165), derived from the fact that "every subject is subjectivated to the Other, is *a-subject*" (Lacan, 1957-58/1999: 195). We have checked the activity involved in masochism, and in this context, the "*se faire*" object that Lacan (1964) associates to the drive, distinguishing between the neurotic and the perverse positions.

Keywords: masochism, a-subject, drive, sexual abuse.

LE MASOCHISME ÉROGÈNE COMME POSITION SUBJECTIVE ORIGINELLE ET SES IMPLICATIONS DANS LA VIE SEXUELLE INFANTILE

Résumé

Contrairement à une logique manichéenne, qui fait actuellement de l'abus sexuel un instrument de plus pour la forclusion du sujet dans le discours, nous cherchons à reprendre la théorie psychanalytique du masochisme, lequel, selon Freud, est universel. En effet, «l'aspiration masochiste dans la vie pulsionnelle de tous les êtres humains » (Freud, 1924/2006: 165) dérive du fait que « tout sujet est assujetti à l'Autre, il est assujet » (Lacan, 1957-58 : 195). Nous avons vérifié l'activité impliquée dans le masochisme, et dans ce contexte, le «se-faire» objet, que Lacan (1964) associe à la pulsion, en différenciant la position névrotique de la perverse.

Mots clés: masochisme, assujet, pulsion, abus sexuel.

EL MASOQUISMO ERÓGENO COMO POSICIÓN SUBJETIVA ORIGINAL Y SUS IMPLICACIONES EN LA VIDA SEXUAL INFANTIL

Resumen

Frente a una lógica maniquea, que en la actualidad hace del tema del abuso sexual más un instrumento de la forclusión del sujeto en el discurso, nuestro objetivo es retomar la teoría psicoanalítica del masoquismo que, según Freud, es universal debido a la "aspiración masoquista en la vida pulsional de todos los seres humanos" (Freud, 1924), derivado del hecho de que "todo sujeto es asujetao al Otro, es *asujeto*" (Lacan, 1957-58: 195). Hemos verificado la actividad

implicada en el masoquismo, y en este contexto, el "se hace" objeto, que Lacan (1964) asocia a la pulsión, distinguiendo las posiciones del neurótico y del perverso en el contexto.

Palabras clave: masoquismo, asujeto, pulsión, abuso sexual.

Recibido: 19/12/12 Evaluado: 02/02/13 Aprobado: 27/02/13

O tema que nos move a escrever o presente artigo é a particular posição de objeto que o sujeito ocupa originalmente em sua relação com o Outro. Ao articular esse com o supereu de Freud, não poucas vezes Lacan o associou à figura obscena e feroz, justamente em função de tal posição (cf. Lacan, 1955/1998: 362; 1955/1998: 435; 1957: 523; 1958/1998: 625). Partindo dessa relação, interessou-nos a articulação da posição subjetiva original e estruturante com a ainda escandalosa noção de sexualidade infantil e com a constituição do sujeito. A partir daí, colocamos em questão a relação que a sociedade contemporânea, pautada na moral sexual civilizada, vem estabelecendo com determinadas experiências sexuais infantis. Nos tempos modernos, estaria a sociedade contemporânea disposta a reconhecer a sexualidade infantil em suas mais perversas e polimorfas manifestações? Ou ainda estaríamos em tempos de negá-la, inobstante as descobertas seculares de Freud?

Retomaremos, para nossa discussão, o desenvolvimento da tese freudiana sobre a relação do sujeito ao Outro, especialmente no que tange ao advento do sujeito a partir de sua condição inaugural de objeto do Outro e, nesse sentido, abordaremos o tema do masoquismo, que, muito antes de uma posição do sujeito no ato sexual é, na verdade, uma posição subjetiva original, partícipe da estruturação de qualquer sujeito enquanto desejante.

A posição do sujeito frente ao Outro

Na teoria psicanalítica, o conceito lacaniano de Outro está referido a um lugar que, além de preexistir ao nascimento do bebê, é essencialmente um lugar de alteridade. Trata-se mesmo de um Outro de quem o bebê depende e que tem uma especificidade em relação aos tantos outros com os quais ele terá relação: a de ser a única instância à qual o bebê pode tentar apelar no seu desamparo fundamental. O Outro é claramente distinto do outro, escrito com minúscula, que está referido ao parceiro, no qual a criança não vê a alteridade por espelhar-se nele.

Desde o fim do século XIX, em seu *Projeto para uma psicologia* (1895), Sigmund Freud já antecipara a importância que viria a ser atribuída, na teoria psicanalítica, ao Outro (inicialmente por ele chamado de *Nebenmensch*, às vezes traduzido em português como “complexo do Outro”) e ao lugar ocupado originariamente pelo sujeito do inconsciente frente a ele. Que lugar seria esse?

Partindo do princípio de prazer, ou seja, da tendência a manter as excitações no nível mais baixo e estável possível, de modo a evitar o desprazer ou a dor que seu aumento representaria, Freud (1895) assevera que a quebra do equilíbrio homeostático por uma excitação perturbadora requer, no caso do *infans*, uma intervenção externa que seja capaz de eliminar, por algum tempo, o estímulo, dada a impossibilidade de o próprio bebê, desamparado, fazê-lo.

O grito comparece como ação específica a demandar tal intervenção. A partir dessa ação, o Outro primordial —a mãe, na maioria dos casos— vem em auxílio ao *infans*. Essa ação é, pois, uma forma de o bebê provocar seu meio visando o prazer. Mas a ação específica já é consequência de um aprendizado anterior, vivido nas primeiras *experiências de satisfação*, inauguradas na relação com o próximo —“Outro pré-histórico, inesquecível que ninguém mais tarde atingirá nunca mais” (Lacan, 1959-60/1997: 70)— e que, a partir daí sempre orientarão o sujeito tanto com relação ao desejo quanto ao gozo do Outro.

Joel Birman acentua que “a sexualidade é, primordialmente, a resultante do investimento materno que dá suporte ao apelo infantil, sendo por este viés que a fantasmaticização, ao seguir as linhas erráticas da dispersão pulsional, pode ordenar-se” (Birman, 2010: 19). Destaque-se que essa satisfação inaugural é experimentada, precisamente, a partir do lugar de *objeto do Outro* e é nessa condição que a excitação e satisfação experimentadas ficam inscritas no inconsciente.

Cerca de dez anos depois, Freud (1905) retoma a questão. Citemo-lo na íntegra:

O trato da criança com a pessoa que dela cuida é para ela uma fonte contínua de excitação e de satisfação sexuais a partir das zonas erógenas e tanto mais pelo fato de que essa pessoa —em geral, a mãe— dirige à criança sentimentos que brotam de sua vida sexual, acaricia-a, beija-a, mexe nela e claramente a toma como substituto de um objeto sexual de pleno direito. A mãe se horrorizaria, provavelmente, se fosse esclarecida de que, com todas as suas mostras de ternura, desperta a pulsão sexual de seu filho e prepara sua posterior intensidade. Mas já sabemos que a pulsão sexual não é despertada apenas pela excitação da zona genital; o que chamamos de ternura infalivelmente exercerá seu efeito um dia também sobre as zonas genitais (Freud, 1905/2006: 203).

Ou seja, o amor e afeto dirigidos à criança por parte do Outro sexualizam-na, erotizam-na – e isso se dá precisamente em razão do lugar de objeto sexual que ela ocupa para aquele que dela cuida. Freud adverte para o fato de que, assim ensinando a criança a amar, a mãe (ou seu substituto) não faz mais do que cumprir o seu papel, contribuindo para que seu filho se torne um homem íntegro e dotado de enérgico desejo sexual, de modo a poder vir a consumir em sua vida tudo aquilo a que a pulsão conduz os seres humanos.

Lacan endossa a posição de Freud: a criança vem ao mundo como objeto do Outro. Essa é sua posição inaugural, que funda sua relação com a realidade que constituir-se-á como realidade psíquica. Até porque, para se constituir como sujeito, o *infans* há que se alienar ao Outro, o que terá como consequência uma necessária mortificação do ser (Lacan, 1964/1998). Além disso, Lacan (1967/2003) assevera que a criança serve como objeto condensador de gozo para a mãe. Marie-Jean Sauret acrescenta que, sem isso, o sujeito não sobreviveria:

[...] a criança é de início recebida como objeto da fantasia da mãe, isto é, como promessa para ela de recuperar um pouco desse gozo que ela perde ao falar. Se não fosse assim, a criança não teria nenhuma

chance de sobreviver, uma vez que o instinto materno desertou do humano com a transmutação da necessidade em pulsão e a substituição que as determinações naturais encontraram na determinação significativa (Sauret, 1998: 18).

É por ser tomada, em sua origem, como objeto de investimento libidinal do Outro, *objeto erótico* mesmo, que é possível à criança responder do lugar de objeto do desejo do Outro e, assim, excitar-se ao toque da mãe no real de seu corpo. É necessário que aquele que ocupa o lugar do Outro primordial tome a criança como objeto sexual para que seus órgãos biológicos se tornem zonas erógenas a serviço das pulsões parciais para a obtenção de prazer. Pois, como também afirma Marco Antonio Coutinho Jorge “[...] o amor e o desejo do Outro são responsáveis pelo desejo de viver e pelo florescimento, na criança, da pulsão de vida” (Jorge, 2008: 240).

Sabemos do aforisma de Lacan que é “como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma” (Lacan, 1960/1998: 828). Não há como advir sujeito, senão a partir da posição de objeto do Outro e isso no sentido sexual do termo.

Ao levar em conta o caráter *passivo* inerente ao lugar de objeto ocupado *originariamente* pelo sujeito em relação ao Outro, Freud confere destaque à aproximação que se evidencia entre esse lugar e a posição masoquista (Freud, 1905/2006: 144). Propomos chamar tal aspecto do masoquismo de topológico: o lugar que o sujeito ocupa diante do Outro que o precede.

A posição passiva e o masoquismo na constituição do sujeito

Se em 1905 Freud descrevera o masoquismo como o posicionamento passivo do sujeito no campo da sexualidade — “[...] a designação ‘masoquismo’ abarca todas as atitudes passivas para com a vida e o objeto sexuais” (Ibid: 144)⁴—, em 1915 ele acrescenta outra variável: o masoquismo apenas se configura quando o sujeito não somente se posiciona em lugar de objeto, mas ocupa esse lugar *em relação a outra pessoa*, que assume, então, o lugar ativo atribuído pelo sujeito.⁵

Identificamos aí um segundo aspecto do masoquismo, o aspecto dinâmico, ao qual soma-se, ainda, a correlação, indicada por Freud desde seu *Projeto para uma psicologia* (1895), entre desprazer e excitação sexual — correlação

4 Note-se que aí Freud faz o masoquismo equivaler a toda e qualquer atitude passiva no campo sexual, sem fazer referência à dor ou ao sofrimento.

5 É preciso levar em conta, ainda, que, em 1915, Freud ainda entendia o sadismo como primário em relação ao masoquismo, de modo que o parceiro do sujeito poderia equivaler ao outro, ao passo que, no momento em que reformula sua teoria pulsional, ou seja, com a inclusão nela da pulsão de morte, define o masoquismo como primário em relação ao sadismo, e então, já não é mais possível supor que tal posição de objeto seja apenas na relação com o outro, senão com o Outro, conforme se lê em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924).

que, segundo ele, se conserva com grande frequência na vida adulta—. Ela deriva do fato de que qualquer excitação, independente de sua natureza, necessariamente contraria o princípio do prazer. Em 1895, Freud já sustentava a correlação intrínseca entre o aumento de excitação e a dor, o que é retomado em *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1905) da seguinte maneira: “Se é lícito supor que sensações de intensa dor provocam idêntico efeito erógeno [...] essa relação constituirá uma das raízes principais da pulsão sadomasoquista,⁶ em cuja múltipla composição vamos penetrando assim pouco a pouco” (Ibíd: 185). Eis onde, com Freud, se acrescenta um terceiro aspecto do masoquismo, o econômico.

É fundamental observar que, aqui, grande parte da teoria da perversão se desenvolveria no campo da psicanálise. Contudo, não é esse nosso foco. O que nos interessa aprofundar é a universalidade do masoquismo na constituição do sujeito, tendo em vista sua relação necessária com o Outro. Das considerações até aqui tecidas, podemos derivar que, no masoquismo, o efeito erógeno é promovido pelo Outro, a quem o sujeito está libidinalmente ligado: é na relação com o Outro —a partir da posição de seu objeto— que a sensação de dor se constitui como erógena para o sujeito. A satisfação masoquista está condicionada, não ao padecimento ou à dor em si, mas ao padecimento ou dor na medida em que são infligidos pelo Outro.

Fazemos menção a esse aspecto visando à articulação com a fantasia, por exemplo, “Bate-se em uma criança” (Freud, 1919/2006) —paradigmática do gozo masoquista—, na qual o sujeito oscila entre a posição passiva de objeto frente ao Outro, em particular o pai, que ocupa uma posição ativa, e a posição ativa de olhar a cena. Isso porque Freud também notaria, em 1924, que estar situado em posição de objeto não deixa de implicar uma parcela de atividade, mesmo quando a meta é passiva, masoquista.

Em 1924, ao dedicar um texto exclusivamente à economia libidinal em jogo no masoquismo, já de posse do conceito de pulsão de morte, Freud estabelece que, a partir da fusão pulsional, o masoquismo “por uma parte se tornou componente da libido e por outra segue tendo como objeto o próprio ser” (Ibíd, 1924/2006: 170). Não se trata somente da “aspiração masoquista na vida pulsional dos seres humanos” (Ibíd: 165), que não deixa de ser enigmática, como ele se exprime, mas se trata de um genuíno masoquismo erógeno *universal*.

Senão vejamos: a partir da fusão pulsional, uma parcela da pulsão de morte é dirigida para fora como pulsão de apoderamento ou de destruição (quando posta a serviço da função sexual), configurando o sadismo. Contudo, um resíduo permanece investido no interior: “Depois que sua parte principal foi deslocada para fora, sobre os objetos, no

⁶ No alemão, “pulsão masoquista-sádica”.

interior permanece, como seu resíduo, o genuíno masoquismo erógeno que, por uma parte se tornou um componente da libido, mas por outra segue tendo como objeto o próprio ser [*Wesen*]⁷ (Ibid: 170).

É o próprio masoquismo primário, erógeno, que revela que o ser [*Wesen*] ocupa primariamente o lugar de objeto⁸. Nossa leitura então levanta como hipótese o seguinte desenvolvimento:

- 1) Originalmente, em decorrência do princípio de prazer, o Outro primordial é provocado pelo ser a proporcionar as experiências de satisfação;
- 2) Ao determinar o ser que a ele se aliena, o Outro o mortifica (Lacan, 1964), nascendo o sujeito;
- 3) A relação com o Outro determina o desejo, as demandas e a libido desse sujeito. Na vertente da separação, e em função da pulsão de morte como desfusão de tal alienação (Lacan, 1964), surge o desejo do sujeito, e a libido passa a ser co-partícipe na regulação dos processos de vida.

Mortificado o ser, o sujeito em constituição, o ente em questão, já o é enquanto atingido, na condição de objeto, pelo investimento pulsional, mortífero e erótico ao mesmo tempo. O amálgama formado pela fusão pulsional vincula, primária e indelevelmente, de um lado a expiação e, de outro, o prazer, de forma que, para alcançar este último, todo sujeito é assujeitado ao Outro, é *assujeito*, como diria Lacan (Lacan, 1957-58/1999: 185). Trata-se de uma condição *sine qua non* para o advento do sujeito, pois a relação do sujeito a seu próprio desejo se constitui a partir dessa mortificação, “na medida em que essa relação não se pauta pelo ordenamento proposto pelo serviço dos bens e se exerce antes ‘numa relação fundamental com a morte’” (Costa-Moura, 2008: 122).

Vale, ainda, atentarmos para as palavras de Freud, quando ele indica que o objeto desse investimento pulsional é o próprio ser [*Wesen*]. Esse é um dos aspectos essenciais que o texto de Freud revela estar em jogo nos processos de excitação sexual, especialmente o masoquismo: o lugar de objeto que o organismo ocupa *primariamente*, resquício da antiga fase de formação para a vida, em que pulsão de morte e pulsão de vida foram fusionadas, formando um amálgama. Desse modo, situa o masoquismo na origem mesma da formação da vida, sem que para sua constituição tenha sido necessária nenhuma outra operação além da fusão pulsional.⁹

7 Na filosofia, traduz-se *Wesen* por “ente” (e não por “ser”, como consta na tradução da Amorrortu Editores). No original lê-se *Wesch* (*Gesammelte Werke – Das Ökonomische Problem des Masochismus: 377*).

8 Daí a retificação, efetuada por Freud em sua teoria, a partir da qual o masoquismo deixou de ser considerado como secundário ao sadismo.

9 O que não quer dizer que outras operações não podem se acrescentar a isso, formando, entre outros, o que nesse mesmo texto ele definiria como o masoquismo feminino e o masoquismo moral. Para esses, certamente se tornam necessárias outras operações implicadas nas vicissitudes dos destinos da pulsão.

O masoquismo erógeno se manifesta tanto dos pontos de vista da organização oral, pelo desejo de ser devorado pelo animal-totem (substituto paterno), da organização anal-sádica, pelo desejo de ser espancado pelo pai (Bate-se em uma criança), da organização fálica, pelas fantasias masoquistas de castração, como também do ponto de vista da organização genital, pelas situações próprias à feminilidade, como ser sexualmente possuído ou dar à luz (Freud, 1924/2006: 170).

Feminino é, afinal, o nome que Freud confere a um dos três tipos de masoquismo que identifica. A forma feminina do masoquismo, aliás, interessa-nos especialmente, pela articulação que guarda com a fantasia fundamental e a posição que nela a criança ocupa. Vejamos como se dá essa articulação entre fantasia e posição masoquista.

Da teoria freudiana da sedução ao matema lacaniano da fantasia

Nos primórdios da Psicanálise, a tese de Freud era de que experiências sexuais precoces de sedução —hoje frequentemente identificadas ao sintagma *abuso sexual*— deveriam ser entendidas como traumas sexuais infantis responsáveis pelo adoecimento psíquico.

Todavia, a descoberta de que “no inconsciente não existe um signo de realidade, de modo que não se pode distinguir a verdade da ficção investida com afeto” (Freud, 1950[1892-99]/2006: 302) levou Freud a asseverar que tais cenas de sedução não necessariamente diziam respeito a uma facticidade histórica, mas à realidade psiquicamente construída. Senão vejamos: “a realidade psíquica não deve confundir-se com a realidade material” (Ibíd, 1900/2006: 607), de modo que “no mundo das neuroses a realidade psíquica é a decisiva” (Ibíd, 1916-17 [1915-17]/2006: 336). O que se tornaria relevante para o psiquismo seriam os fatos de desejo inscritos na cena da fantasia inconsciente.

Assim, também a sedução, para que se inscreva na fantasia, há que guardar alguma relação com o desejo inconsciente. Por outro lado, ponderamos que uma eventual cena de sedução, quando não estiver relacionada com o desejo inconsciente, não se inscreveria na fantasia, o que daria margem para que permaneça como traumática, porque a fantasia é justamente a maneira através da qual o sujeito se protege do encontro com o real do sexo – a fantasia vela o horror da castração. Veremos a isso logo adiante.

Com a descoberta de que o valor da sedução reside em sua inscrição no texto da fantasia, Freud se dedica ao estudo da sexualidade, resultando daí os seus *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1905), artigo que atravessou o século mantendo-se tão atual quanto fundamentalmente subversivo. Segundo ele, “[...] desde o início as crianças

têm uma intensa vida sexual, que difere em muitos pontos daquilo que mais tarde é considerado normal [...] Quando abandonadas a si próprias, ou sob a influência de sedução, amiúde as crianças realizam proezas consideráveis na área da atividade sexual perversa” (Ibíd, 1905/2006: 250-251).

O que Freud mostrou, há mais de cem anos, é a presença, na criança, de uma disposição originária universal da pulsão sexual, cuja essência é de uma inclinação para todas as perversões. Denominada de perversa polimorfa, essa disposição, que exhibe os germes de todas as perversões, somente é demonstrável na criança, posto que até determinado estágio, os diques anímicos, como o asco, a vergonha e a moral, responsáveis por barrar os excessos sexuais, não foram erigidos (Ibíd: 161). Com isso, ele nos faz notar que a criança goza sexualmente e que, por ainda se experimentar em relação à lei ou proibição, também se experimenta em toda e qualquer transgressão sexual.

Dá concluir, finalmente, que a sexualidade é, por definição, determinada pela sexualidade infantil (cf. Scotti, 2009; Mariage, 2000; Freud, 1909/2006). Como diz Lacan, “O que diz Freud é [...] que as teorias sexuais infantis [...] vão marcar com seus vestígios o desenvolvimento de um sujeito, toda a sua história, tudo o que será para ele a relação entre os sexos” (Lacan, 1956-57: 49). Se não há exatamente uma frase em que Freud afirme literalmente que toda sexualidade é infantil, tal afirmação não deixa de ser uma dedução lógica de suas colocações. Na medida em que a sexualidade está baseada nas fantasias que se estruturam de forma perverso-polimorfa na infância, então tal aceção é verdadeira. Ela também está articulada ao fato de que a sexualidade em si é traumática para a criança.

O que há de traumático para o sujeito é o encontro com o sexo, para o que não há dialetização possível. Tal encontro deriva da relação, como vimos, com o Outro. Ao ser colocada na cena sexual —seja participando do mesmo quarto ou cama dos pais, seja dormindo no quarto ao lado, de onde escuta os ruídos vizinhos, seja ainda inserida no próprio jogo de sedução—, a criança não sabe dizer o que está acontecendo, apesar de necessariamente erotizada por estar na cena. É por isso que a cena sexual é traumática, ela implica um real não simbolizável.

O trauma é de estrutura; a constituição subjetiva, na medida em que está condicionada à erotização que vem do Outro, não é sem o trauma. O trauma psíquico não está, pois, situado em uma experiência de sedução que poderia ter sido evitada; o trauma é produzido justamente no inevitável encontro da criança com o sexo, que, paradoxalmente, é condição de sua constituição subjetiva. E a fantasia é justamente aquilo que vem velar o horror da castração promovido por esse encontro com o real do sexo. Segundo Antonio Quinet, a fantasia cumpre a dupla

função de instância protetora e sustentáculo do desejo: “Ela é tela protetora e máquina desejan­te – é o álibi do desejo” (Quinet, 2004: 170).

Há um outro aspecto que Freud nos faz notar: em função de ser perversa-polimorfa, a criança considera, para o fim de satisfazer a pulsão, *qualquer objeto*: pode ser uma parte do corpo próprio, transformada em zona erógena; pode ser uma pessoa familiar, seu pai, sua mãe, seu irmão ou irmã; pode ser, ainda, qualquer outra criança ou adulto do mesmo sexo que o dela ou do sexo oposto; pode ser, enfim, qualquer objeto eleito para essa finalidade. “[...] a criança é um ser-para-o-sexo, é um sujeito do desejo, e sua sexualidade exercitada e praticada é além do mais despudorada, desavergonhada: é uma sexualidade perversa. A criança é uma militante da diversidade sexual. Ela coloca em prática todas as pulsões sexuais de forma sempre ativa: passivamente ativa e ativamente passiva. A sexualidade jamais é passiva, a começar pela criança” (Quinet, 2008: 75). É nesse sentido que Freud afirmou que o objeto é o que há de “mais variável na pulsão” (Freud, 1915/2006: 118).

Note-se que Quinet chama atenção para o lugar ativo que a criança ocupa no exercício da sexualidade, mesmo que seja em posição de objeto. Ele sublinha o fato de atividade e passividade serem coadjuvantes no que tange à sexualidade, ou seja, não se trata de posições estanques nas quais os sujeitos cristalizar-se-iam. Na realidade, cada um desses sujeitos pode colocar o outro no lugar de objeto ou, ainda, se fazer de objeto na prática apontada por Quinet de passivamente ativa ou ativamente passiva.

Segundo Lacan, ocupar o lugar de sujeito desejan­te é uma possibilidade conferida a todo ser de linguagem e não haveria razão para que crianças não se incluíssem aí — assim como não há qualquer razão que impeça que adultos assumam a posição de objeto na esteira da referência à sexualidade infantil—. Essa dupla possibilidade de posicionamento é dada pela “circularidade da pulsão” (Lacan, 1964/1998: 183), uma espécie de trilha de ida e volta, de vaivém (*ibidem*), que torna possível ao sujeito a assunção tanto da posição ativa, de sujeito desejan­te, quanto da posição passiva, de objeto. Eis o que ele matemiza com o “ $S \diamond a$ ” (ibíd, 1960/1998: 830) —sujeito em todas suas relações lógicas possíveis com o objeto—.

Se a posição masoquista é considerada por Freud, em 1924, como enigmática, é justamente por isso: por mais estranho que possa parecer, ela é determinante para a constituição de toda e qualquer fantasia de desejo.

Masquismo feminino, fantasia e posição de gozo

Como desdobramento do masquismo erógeno, Freud postula o masquismo feminino, que concerne a uma fantasia sexual masculina conduzindo à masturbação ou constituindo, ela própria, a satisfação sexual. O conteúdo manifesto nessa fantasia seria de “ser amordaçado, amarrado, golpeado dolorosamente, espancado, maltratado de qualquer modo, submetido a obediência incondicional, sujado, denegrado” (Freud, 1924/2006: 168).

Impõe-se como condição para essa satisfação, segundo Freud, que o sujeito seja tratado como uma criança pequena, indefesa e dependente, mais precisamente como uma criança travessa e desobediente. Não estaria tal observação de 1924 testemunhando, no texto de Freud, a associação da criança, no campo da fantasia sexual, com a posição masquista? Somente num exame mais acurado, segundo ele, conclui-se que essas fantasias colocam o sujeito “em uma situação característica para a feminilidade” (Ibid: 168, grifo nosso), cujo significado é ser castrado, ser objeto de coito ou parir. Note-se que a posição passiva está evidentemente em jogo em ambas as posições —ser espancado como uma criança e ser copulado como uma mulher—. Convém lembrarmos que, no masquismo feminino, segundo Freud, trata-se de uma fantasia do homem, que nada tem a ver com a feminilidade. Colette Soler (2005) observa que as formulações de Freud sobre o masquismo feminino “não visam a esclarecer o problema da feminilidade, mas o das fantasias e práticas perversas, especialmente no homem” (Soler, 2005: 59).

No que tange ao masquismo feminino, vale retomarmos a relação estabelecida por Freud, em vários momentos de seu percurso teórico, entre posição passiva e feminilidade,¹⁰ em que define a libido como sendo de natureza masculina. Em sua 33ª Conferência —*A feminilidade* (1933[1932])—, ele acrescenta que homens e mulheres podem frequentar ambas as posições, masculina e feminina, e que o que deve ser considerado como característica psicológica da feminilidade não é a passividade em si, mas a preferência por “metas passivas” (Ibid, 1933[1932]/2006: 107), cujo alcance pode requerer, não obstante, uma grande cota de atividade.

Se acrescentarmos a isso a noção de que a meta da pulsão é a satisfação, poderíamos pensar que o que há de feminino no masquismo assim nomeado é que a força pulsional conduz o sujeito a uma atividade que tem por fim a satisfação sexual em posição passiva.

O desejo de ser tomado em situações características para a feminilidade é ancorado na sexualidade infantil, nas vivências edípicas infantis. Ser tratado como uma criança desvalida, desobediente, é uma fantasia tão articulada ao

10 Conforme nota de rodapé aposta em 1915 no terceiro dos *Três ensaios sobre a teoria sexual* (Freud, 1905), intitulado *As transformações da puberdade*.

infantil quanto ser castrado, ser possuído sexualmente ou parir. Associa-se a ela a pulsão de apoderamento – a parte da pulsão de morte que é investida fora, no objeto (Ibíd, 1905/2006: 180). A passividade se manifesta em relação a esse apoderamento, colocando o sujeito em condição de ser objeto do domínio, o que leva a associar traços do infantil com o feminino, à “estratificação superposta do infantil e do feminino” (*idem*, 1924/2006: 168).

Partindo da premissa freudiana de que o sadomasoquismo se apresenta como um par de opostos, temos no sadismo o pólo ativo da pulsão de apoderamento e, no masoquismo, seu pólo passivo, no sentido da sujeição a esse apoderamento. Podemos, daí, conjecturar que a fantasia própria ao masoquismo feminino —de ser espancado, assim como de ser castrado ou copulado— está referida a um gozo masoquista de se fazer objeto do apoderamento, do domínio do Outro. O que está em questão é a particular posição de gozo em que o sujeito está, na relação com o Outro – contexto fantasmático que revela a neurose como negativo da perversão.

Há algo no próprio infantil que indica a posição passiva e masoquista, *na fantasia do adulto*. Assim, o masoquismo feminino nos permitiria levantar uma hipótese para o mecanismo subjacente em alguns pedófilos – o de se identificarem com a criança que seduzem, fixados que estariam na posição de desvalidos, desobedientes e castrados, conforme suas próprias experiências infantis e suas fantasias, o que justificaria, mais ainda, tal identificação. Apesar de esse artigo não visar um estudo mais aprofundado da pedofilia, não é possível não observar que o indizível e insuportável do real do sexo, com o qual o desejo do Outro faz o pedófilo se confrontar, lhe retorna como castração, que, por motivos a serem investigados, não pôde operar de forma a permitir uma relação mais dialetizada com a própria lei.

Por outro lado, as formulações sobre o masoquismo nos dão margem para considerar que o interesse sexual da criança – determinado pelo masoquismo erógeno, primário, experimentado no Édipo como referido ao gozo sexual – pode se manifestar, entre outras, na posição fantasmática de objeto da sedução. Assim, verificamos que a Psicanálise nos permite reconhecer, dentre outras, a possibilidade de que, em algumas situações de sedução, o desejo do sujeito-criança esteja implicado; não só o desejo, mas, também e fundamentalmente, o gozo.

Posição fantasmática e abuso sexual.

Com Freud, sabemos que a escolha pela posição de gozo particular a cada sujeito é intrinsecamente relacionada com o encontro traumático com o real do sexo e determinada pela fantasia inconsciente – construção absolutamente singular e constitutiva da realidade que opera para cada um. Destarte, abre-se um espaço para uma investigação clínica que leva em conta a posição do sujeito-criança já não vitimizado. Justamente porque nos deparamos, na

clínica, com situações que, muito embora tachadas com o sintagma do *abuso sexual*, revelam a existência de uma ancoragem da experiência sexual de sedução na fantasia inconsciente – portanto, articulada ao desejo e ao gozo.

Nesse caso, por consequência, a relação do sujeito com a experiência sexual de sedução será, mais propriamente, uma relação com os elementos da cadeia significativa aos quais essa experiência está atrelada retroativamente; mais do que isso, com a cena fantasmática que está na raiz dessa relação e com o trauma que essa cena vela.

A ancoragem da experiência sexual de sedução na cena fantasmática não é sem consequências. Por atualizar a fantasia, a experiência de sedução a ela atrelada promove um reencontro com o trauma e, ao mesmo tempo, protege o sujeito dele, posto que a fantasia é um recurso simbólico e imaginário para fazer frente ao real do sexo; ela é essa tela que recobre o real traumático e serve como anteparo que permite a constituição da angústia. Lembremos da distinção feita por Freud, em 1920, entre angústia, terror e medo (Ibíd, 1920/2006: 12) e, como ele observou, da função da angústia para que o sujeito possa elaborar a situação que experimenta.

Vale notar que, se por um lado a experiência sexual de sedução pode atualizar a fantasia e ser assustadora para a criança, por outro lado, ela pode encobrir a cena traumática do encontro com o real do sexo —que causa horror ao sujeito—, assumindo-lhe o lugar, como cena encobridora da cena primária que a fantasia vela. Não são poucos os casos em que, na psicanálise com adultos, podemos verificar a maneira pela qual justamente uma experiência infantil, identificada pelo sujeito como tendo sido da ordem de um abuso sexual, funciona ainda como tela fantasmática a aglutinar e atualizar um gozo, servindo ao mesmo tempo como anteparo à castração. Lacan (1966/1998: 831) pôde conceituá-lo quando, ao estabelecer o grafo do desejo, introduziu a fantasia justamente lá onde o sujeito responde ao $S(A)$, à falta de resposta do Outro diante do *Che vuoi?*

A partir do exposto, perguntamos: no que diz respeito ao tão atual tema do abuso sexual, não haveríamos de nos interrogar mais sobre a *experiência subjetiva* que a criança extrai das cenas de sedução em que toma parte, seja ativamente ou passivamente, e sobre as consequências que dela advêm – aí se incluindo a significação que virá a ser atribuída à sedução? Vale notar que nosso questionamento não é jurídico, nem social, mas efeito de experiências clínicas recolhidas, tanto na direção de análises quanto de supervisões. Os aprofundamentos da teoria freudiana sobre o masoquismo, que se associam ao que Lacan pôde justamente desenvolver a partir de seu sintagma “assujeito”, do início de seu ensino, levam a inúmeras formulações, tanto no campo da fala e da linguagem, quanto no campo do gozo, formulações que aqui apenas começamos a esboçar – impossível desenvolvê-las todas

neste texto que visa, primordialmente, o texto freudiano. Daí a pergunta: será que todas as experiências de sedução, identificadas socialmente como abuso sexual, seriam necessariamente traumáticas, tal como propõe a concepção geral da sociedade contemporânea? Isso não seria uma forma de postular, para o abuso sexual, a teoria do trauma *a priori*? E isso teria cabimento na teoria psicanalítica?

Na clínica, não raramente escutamos dos analisantes o relato de terem sido vítimas de abuso sexual na infância, ou mesmo o relato dos pais de crianças levadas à análise por essa mesma razão. Na diversidade de casos clínicos, verificamos que há situações as mais distintas, que vão desde encontros sexuais infantis, constitutivos da subjetividade, da sexualidade humana e do próprio desejo como desejo do Outro, até os mais extremos atos de violência, orientados por uma vontade de gozo irrestrita e dirigidos contra crianças que têm, aí, sua subjetividade descartada, uma vez que são tomadas como puro objeto de gozo. Há, ainda, situações de falsas acusações de abuso sexual, seja por parte de algum dos pais, interessado em se vingar do outro ou prejudicá-lo, ou mesmo por parte da criança ou adolescente, movida pelo ciúme ou mesmo pela fantasia de sedução.

Inobstante as diferenças e particularidades de cada caso, verificamos que o sintagma *abuso sexual* tem sido aplicado a todas essas práticas sexuais indistintamente. As singularidades restam descartadas, o que leva a supor que, efetivamente, o sintagma serve hoje a mais uma forma de forclusão do sujeito determinada pela taxionomia dos fenômenos e pelo domínio de uma abordagem científica orientada pelo capitalismo.

A escuta, na clínica, de sujeitos que haviam passado por algum tipo de experiência como essas —escuta que privilegiou essencialmente a subjetividade em cada caso— nos fez interrogar a que responde esse sintagma *abuso sexual*, que constitui denominador comum de histórias que, vistas de perto, não guardam qualquer semelhança entre si, mas, identificadas nesse sintagma, têm suas diferenças anuladas, suas significações engessadas e impregnadas de ideias maniqueístas.

A clínica nos fornece evidências de que os casos os mais diversos são alçados à categoria de abuso sexual e, sob essa insígnia, são tomados como crimes contra a criança ou o adolescente. Estes, por sua vez, recebem a denominação de vítima e nessa posição são cristalizados, não cabendo qualquer abordagem que lhes permita escaparem desse estigma e dizerem, eles próprios, do tratamento subjetivo que cada um pôde conferir à experiência em questão, da significação a ela atribuída pelo sujeito, sempre no *a posteriori*.

Diante desse cenário, em que verificamos que vem sendo feito um uso abusivo do próprio sintagma *abuso sexual*, mereceria atenção a própria definição de abuso sexual, para que se pudesse melhor discernir o que é efetivamente

abusivo em relação à criança. Poderíamos, por exemplo, perguntar se o que define a cena sexual como abuso é a violência. Ou seria o não-consentimento da criança? Ou, diferentemente, seria o efeito traumático? Poderia, ainda, ser a objetualização irrestrita da criança e sua conseqüente dessubjetivação? Ou, ainda, o que definiria o abuso seria o uso da criança a serviço do gozo daquele que a toma como puro objeto?

Para além dessas questões, a tentativa de definir o abuso sexual de maneira rigorosa esbarraria, ainda, em problemas relativos às variações culturais, uma vez que a própria definição de criança muda conforme os diversos tempos da história da humanidade e conforme a cultura em que ela está inserida, cultura essa que confere à criança um lugar próprio, uma função que não necessariamente é compartilhada por outras culturas – e o aspecto sexual se insere nessas variações.

Identificar *todo* tipo de relacionamento erotizado com uma criança como sendo da ordem do abuso sexual equivale e é contemporâneo à negação da sexualidade infantil, construída numa posição originalmente masoquista, como vimos com Freud, na posição de *assujeito*, como diz Lacan.

Haja vista o recente quiprocó na sociedade holandesa, que descobre, de repente, que mais de vinte mil crianças foram abusadas sexualmente nas instituições de caridade, desde 1945. O relatório sobre abuso sexual realizado naquele país, por Rieke Samson, observa que, na realidade, a questão foi abafada justamente porque é tabu ainda a sexualidade infantil, mais de um século depois da publicação dos *Três ensaios sobre a teoria sexual* (Freud, 1905). Nas palavras dela, as “[...] autoridades estavam cientes do que acontecia dentro dos centros de acolhida, mas que a sexualidade de menores de idade foi abafada por ser um assunto polêmico, [...] 'a sexualidade dos pequenos tem sido um tabu para educadores mal preparados. Prova disso é que somente 2% do total de denúncias foram reconhecidos. Um número muito abaixo da realidade” (O Globo Online).

Segundo o relatório, nomeado de *Informe Samson*, “[...] a metade dos responsáveis pelos abusos são crianças mais velhas ou adolescentes que convivem com menores tomados dos pais pelo governo. O restante dos crimes foi cometido pelos próprios funcionários do Estado, que têm em média 37 anos” (Ibídem). O que exatamente todo esse *Informe* denuncia? O fato da sexualidade infantil – fato que, como observa Samson, é colocado como chamariz assustador na história em função de ser tabu –, ou o fato de isso ter, aqui, a função de recalcar a questão sobre o porquê de o governo ter tomado tantos menores dos pais? O que houve na Holanda que o governo daquele país separou mais de vinte mil crianças dos pais? Não seria essa uma atitude pelo menos tão abusiva quanto a questão da erotização dessas crianças?

Considerando os entraves, bem como o fato de não ser precisamente o nosso propósito interrogar o que faz de uma experiência sexual um abuso —ainda que nossa questão tangencie esse aspecto do abuso sexual— não pretendemos nos dedicar exatamente a isso, senão utilizá-lo para indagar a posição sexual do sujeito na sua relação com o Outro.

A fantasia inconsciente —que, como vimos acima, permite inscrever o real traumático de forma que o sujeito possa elaborá-lo psicicamente—, se articulada à cena de sedução, implica o sujeito nessa mesma cena. E, se isso não afasta a noção jurídica de abuso sexual, ainda assim, abre para o sujeito uma via que o discurso atual sobre o abuso sexual foraclui – o que se verifica no discurso que apenas vitimiza a criança. Ao contrário disso, considerar a criança um sujeito que pode vir a verificar a implicação de seu desejo na experiência sexual de sedução e a própria extração de gozo a partir da posição fantasmática de objeto sexual do outro promove giros discursivos.

A título de exemplo, um caso clínico é ilustrativo. Eva, uma executiva bem sucedida, relata em seu quarto ano de análise que, quando criança, ia brincar na casa de uma amiga, colega de escola. Esta tinha um irmão bem mais velho, maior de idade, que a convidava para um quarto nos fundos da casa, onde tinha vários objetos que colecionava, arrumados em uma estante. Pressionava-a contra a estante e se esfregava na criança. Eva lembra-se com raiva e asco dessas cenas que se repetiram várias vezes, durante todo tempo em que durou a amizade com sua colega. Nunca o comentou com ninguém, e sempre se lembrou disso com raiva e asco – levou mais de três anos em análise para falar sobre isso pela primeira vez em sua vida. As idas recorrentes a esse quarto só puderam se fazer porque algo a interessava nisso, evidentemente. E sabendo disso sem sabê-lo, não conta para ninguém. Apenas relata o fato no momento em que começa a se dar conta de sua responsabilidade no sintoma —a impossibilidade de manter um relacionamento amoroso— e se dá conta de seu interesse em manter a cena fixada em sua memória, sem dialetização. Ser a garotinha abusada por aquele rapaz era uma imagem recorrente que justificava também seus rompantes de agressividade contra os homens que dela se aproximavam. De um lado, os seduzia, de outro, se revoltava, histericamente, contra uma posição de abusada que atribuía ao desejo deles, mas que na realidade ela própria assumia. Esse caso também ilustra o que Freud (1908) já conceituara sobre o sintoma: ele se sustenta de uma fantasia. Com o trabalho realizado por Eva em análise, finalmente encontrou um parceiro, do qual, aliás, já engravidou.

Em *Projeto para uma psicologia* (1895), Freud nos fala de Emma, que não teria, nos dias atuais, a chance de saber da implicação de seu desejo inconsciente na cena em que é tocada em seus genitais por um adulto; seria

prontamente definida como vítima de abuso sexual e isso encerraria o caso, assim como sua subjetividade e provavelmente toda descoberta de Freud.

É justamente aí que reside nossa questão: nos dias atuais, em nome de “se fazer justiça”, a subjetividade da criança é preterida; mais do que isso, é negada, sepultada, pois a criança é novamente feita objeto pelos processos jurídicos que se dedicam a punir o culpado pelo crime ou, como se pode inferir a partir do que aconteceu na Holanda, o abuso sexual da criança serve como tela para velar questões, no mínimo, muito mais complexas, que poderiam levar à denúncia de várias gerações de governo.

Esquecido em tudo isso está o sujeito —sobre quem nosso foco recai—, o reconhecimento da criança como sujeito, a quem pode e deve ser dada a palavra para que ele possa dizer de sua experiência, no lugar de ela ser dita por supostos saberes que do sujeito mesmo nada sabem, na medida em que não se propõem sequer a escutá-lo. Pretendemos, assim, reafirmar uma posição ética da Psicanálise diante do sujeito criança, na contramão de uma lógica moralizante e normalizadora.

Amor, desejo e gozo

Aqui é necessário retomar um ponto que merece um esclarecimento antes de terminarmos. Vimos como o masoquismo universal pôde ser conceituado por Freud quando, a partir da segunda tópica de sua teoria, no lugar de considerar o sadismo como primário, aí identificou o masoquismo, o que implica, para nós, vinculá-lo na relação não apenas com um outro, mas, sim, com o Outro, cujo desejo o sujeito deseja (cf. Lacan, 1957-58/1999: 282).

Vimos o quanto tudo isso é fundamental para a própria constituição do sujeito como desejante, pois, como o escreveu Freud em 1905, “com todas as suas mostras de ternura [a mãe, ou o Outro materno], desperta a pulsão sexual de seu filho e prepara sua posterior intensidade” (Freud, 1905/2006: 203 – acima citado). Lacan também correlacionou a criança como objeto da fantasia da mãe, mas, em sua carta de 1969, observava: na melhor das hipóteses, ela não é isso e, sim, sintoma do casal parental (Lacan, 1969/2003). Com efeito, há uma grande diferença entre permanecer no lugar de objeto da fantasia da mãe e, ao contrário, assumir um lugar de sintoma. Tais diferenças são tantas que não podemos nos dedicar a elas aqui, mas assinalá-lo é necessário para as indicações às quais ainda não foram feitas referências neste texto, e que veremos a seguir.

Quando, na clínica com crianças, é possível identificar que a posição do sujeito leva em conta a relação do casal parental, ou seja, o Édipo como orientação para o desejo do sujeito, necessariamente o Outro está barrado e, de

duas, uma: ou o sujeito constitui-se de modo a recalcar a castração do Outro, ou a desmente. No primeiro caso, trata-se de uma neurose, no segundo, da perversão. Malgrado o fato de a fantasia do sujeito neurótico ser apenas “o negativo da perversão” (Freud, 1905/2006: 150), o neurótico não é um perverso. Remetemos o leitor também ao recente artigo *Acerca de la Verleugnung en el contrato masoquista* (Bisso, 2012), que explicita justamente essa diferença, especificamente no que tange ao masoquismo, demonstrando o impossível do Real em Pascal, ou seja, a castração, contra a cena simbólico-imaginária em Sacher-Masoch, tão bem trabalhado por Deleuze (Ibíd: 9).

Vários foram os momentos em seu ensino nos quais Lacan o estudou a partir da constituição da fobia na criança. Como numa placa giratória, a criança oscila entre neurose e perversão. Atentemos para um ponto de tal estudo: é no momento em que o sujeito neurótico pode, de alguma forma, transmutar sua exclusiva relação com o falo imaginário em uma relação com o falo simbólico, que pode sustentar sua própria posição desejante, ou seja, reconhecer a falta definitivamente: “[...] o importante aqui não é a função imaginária ou identificatória de Hans ao complemento de sua mãe [...], mas é de transmutar esse falo ao simbólico pois é aí que ele terá sua eficácia” (Lacan, 1968-1969/2008: 313).

Na perversão, a Lei não se relaciona com o falo, porque este não sofre, como na fobia, tal transmutação. Nas palavras de Lacan (1966-67), se “[...] o ato perverso se situa no nível da questão sobre o gozo, o ato neurótico, mesmo quando referido ao modelo do ato perverso, tem o único fim de sustentar o que nada tem a ver com a questão do ato sexual, a saber, o efeito do desejo” (lição de 7 de junho de 1967).

Tal diferença se vê mais claramente no contexto do *contrato* masoquista, quando este demanda a seu parceiro que aja conforme o contrato definido pela vontade de gozar que atribui a ele, enquanto Outro na cena. “É um cenário que é montado, no qual o masoquista apenas busca o gozo do Outro, a questão do desejo não se coloca [...]” (Alberti & Martinho, s/d).

Poderíamos ainda abordá-lo por um outro viés, retomando uma observação de *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Ali, Lacan diz que “apenas o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-63/2005: 197) – amor este que não haveria, não houvesse a cultura (Ibíd: 198). Isso leva a crer que Lacan, aqui, não se refere ao amor como engano, mas sim como o que ele identifica nesse Seminário como amor real, aquele que nasce da falta (Ibíd: 122), ele o define como “dar o que não se tem” (Ibídem).

Então, se é verdade que há um masoquismo universal —porque “reconhecer-se como objeto do desejo, no sentido como o articulo, é sempre masoquista” (Ibíd: 119)—, no momento em que o amor permite tal concessão, a

cena que se impõe da sexualidade infantil, perverso-polimorfa por definição, pode se orientar para outros caminhos... Eis o que distingue finalmente a sexualidade infantil daquela à qual o adulto pode conceder. Para se orientar a partir da falta no Outro, é preciso condescender ao desejo, de forma que, na placa giratória, se leve em conta a castração simbólica.

Justificam-se essas observações antes de passarmos às considerações finais, tendo em vista algumas críticas à concepção psicanalítica da posição do sujeito abusado. Dentre tantas, talvez as mais contundentes sejam aquelas que observam a importância de contextualizarmos as situações de abuso. O abuso sexual é sempre um problema clínico com o qual o psicanalista se depara em sua prática. Mas essa, justamente, não pode se dar sem que o sujeito possa elaborar o mal do qual se queixa. Se assim não fosse, o próprio psicanalista negaria a falta do Outro. É o contrário: é porque o Outro falta —e comete faltas— que um sujeito pode fazer escolhas. A psicanálise não visa, portanto, a uma apologia do abuso, muito menos sugerir que uma mulher é abusada porque, afinal, ela gosta de apanhar, como se diz (Narvaz, 2010), o que, por si só, justificaria o abuso, e sim, *verificar em que a sexualidade, por sua determinação infantil, ainda se vê submetida a um gozo que é perverso polimorfo*. É só a partir dessa verificação que um sujeito poderá fazer novas escolhas, mas insistimos: somente quando pode se responsabilizar pela sua forma de gozar. Como diz Freud (1905/2006): a perversão é a impossibilidade de o sujeito se exercer na mais absoluta liberdade, porque o fixa a repetir sempre a mesma coisa.

Considerações finais

Para além da possibilidade de a criança situar-se em lugar de sujeito desejante, que goza de seus objetos sexuais (sejam eles partes do corpo próprio, outras crianças ou mesmo adultos), interessou-nos investigar seu posicionamento em lugar de objeto – posicionamento esse determinado pelo masoquismo erógeno e pela fantasia inconsciente, a partir de Freud.

O estágio *masoquista* da fantasia “Bate-se numa criança” é marcado por uma ambigüidade. Nesse estágio, em que a fantasia se escreve como “Sou batido pelo pai”, a criança encontra-se em clara posição de objeto em relação àquele que assume a posição ativa no espancamento. Mas uma certa *atividade* concerne ao sujeito: “[...] podemos nos perguntar em que medida o sujeito participa da ação daquele que o agride e o golpeia. Esta é a clássica ambigüidade do sadomasoquismo. Para resolvê-la, vamos concluir com Freud que isso se liga à essência do masoquismo” (Lacan, 1956-57/1995: 119).

Para Lacan, “A atividade da pulsão se concentra nesse *se fazer*” (Ibid, 1964/1998: 185). Ou seja, o sujeito *se faz* objeto do Outro: ele se faz copular, se faz bater, se faz olhar, se faz engolir, se faz cagar, etc. Ao *se fazer objeto*, por força da fantasia, o sujeito não é objeto inerte, colocado nesse lugar à revelia de seu desejo; é ele que, ativamente, assume o pólo passivo, fazendo-se objeto do Outro e atribuindo a atividade a este.

Parece ter sido nesse sentido que Freud afirmara que “Toda pulsão é um fragmento de atividade; quando negligentemente se fala de pulsões passivas, não se pode ter em mente outra coisa senão pulsões com uma meta passiva” (Freud, 1915/2006: 116). Somente a meta é passiva. Como reitera Lacan: “[...] mesmo em sua pretensa fase passiva, o exercício de uma pulsão, masoquista por exemplo, exige que o masoquista, se ousar me exprimir assim, trabalhe feito um burro” (Lacan, 1964/1998: 189). *Fazer-se* é uma *atividade* que implica o sujeito em *posição passiva*.

Considerando essa premissa de que o sujeito *se faz* objeto, não podemos mais sustentar simplesmente que, nas experiências sexuais de sedução *em que a fantasia inconsciente, masoquista por excelência, está implicada*, a criança é somente vítima. Pois, dada a sua implicação subjetiva na cena fantasmática, por associação, ela estará igualmente implicada na cena de sedução denominada de abusiva. Eis a implicação subjetiva da criança na cena fantasmática e, por associação, na cena de sedução, e eis também o que há de mais inconfessável em toda essa história: ao nos ocuparmos do tema do abuso sexual, ou nos damos conta dessa nuance, ou incrementamos seu recalque, sob forma de negar à criança toda e qualquer possibilidade de implicação subjetiva, definindo-a como mera vítima. Ao reconhecê-la como sujeito sexuado, a Psicanálise confere destaque à sua condição de autora de fantasias sexuais que podem ter como enredo cenas de sedução em que ela figure como objeto. Isso não quer dizer que não haja sofrimento em jogo, e, sim, que o sujeito tem um recurso a mais para fazer frente a este. No entanto, tal recurso o fixa num gozo a ser dialetizado com uma análise.

A ambiguidade presente nessa relação fantasmática do sujeito com seu objeto nos orienta na contramão de uma lógica maniqueísta. A teoria psicanalítica fornece-nos argumentos para colocar, no lugar da oposição *abusador-abusado*, o circuito pulsional que dá ao sujeito a possibilidade de circular, na topologia fantasmática, pelos lugares de sujeito e de objeto. Adotando tal perspectiva, a Psicanálise orienta sua clínica no sentido de que o sujeito possa se apropriar de seu desejo e responder por suas escolhas inconscientes e por sua posição de gozo. Dessa forma, não se furta a dar ao sujeito a possibilidade de reconhecer o que dele houver nessa experiência, de reconhecer sua implicação subjetiva: “o sujeito é responsável pelo seu gozo em todas as suas manifestações sociais e sexuais, subjetivas e objetivas, individuais e coletivas” (Quinet, 2006:162). Há que se sublinhar que, em Psicanálise, falamos

de responsabilidade subjetiva, e não jurídica – delas decorrem consequências totalmente diversas, de modo que não podem ser confundidas.

Lembremos que não abordamos nesse trabalho as tantas situações de sedução que não guardam relação com a fantasia inconsciente do sujeito e nas quais, por essa razão, a criança se depara, de forma bruta, com o real do sexo, sem o anteparo da cena fantasmática – coisa que não é sem consequências para o psiquismo.

Nosso foco se voltou para uma retomada, na literatura, do masoquismo como determinante universal da relação do sujeito com o Outro, visando a crítica da generalização adotada pelo pensamento dominante na contemporaneidade, que faz de toda manifestação da sexualidade infantil um crime do qual a criança é vítima. Não se considera a palavra da criança, não se leva em conta que a prática sexual pode ter uma representação para o sujeito e, menos ainda, a possibilidade de a cena sexual estar ancorada na fantasia inconsciente e no desejo edípico.

Cristalizar a criança no lugar de pura vítima equivale a desqualificá-la como sujeito sexuado, desejante, e isso implica impedir a elaboração das cenas sexuais das quais tenha tomado parte. É nesse sentido que Quinet (2008) assevera que o que é importante, do ponto de vista do inconsciente, não é sedução do adulto, mas a sedução da criança, intrinsecamente relacionada com sua condição estrutural de *ser-para-o-sexo*. “Desconsiderar sua atividade é retirar da criança o direito ao sexo e o direito à subjetividade. E assim deixá-la errar, deixá-la desconhecer sua origem sexual e plantá-la na plataforma de lançamento de latusa na aletosfera da biotecnologia como mais um objeto” (Ibíd, 2008: 75).

Retirar da criança o direito à subjetividade, isso, sim, certamente constitui um abuso. Tudo isso nos leva a indagar se a afirmação de Lacan, que faz a criança equivaler ao adulto no que tange à sexualidade, não poderia ser interpretada como mais uma subversão que a Psicanálise pode introduzir a esse discurso pronto, que dessubjetiva a criança.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria sexual*, Freud pôde colocar a sexualidade como essencialmente polimorfa, aberrante. O encanto de uma pretensa inocência infantil foi rompido. Essa sexualidade, por se impor tão cedo, eu quase diria cedo demais, nos fez passar depressa demais pelo exame do que ela representa em sua essência. É, a saber, que em relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto (Lacan, 1964/1998: 167).

Referências bibliográficas

- Alberti, S.** (2008) O lugar da sexualidade para a psicanálise. En Alberti, S. (Comp.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro, Brasil: Cia de Freud- CAPES.
- Alberti, S. & Martinho, M.H.** (s/d) Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão. *Psicologia USP*. No prelo.
- Birman, J.** (2000) Uma erótica da ambigüidade? Sobre psicanálise, normal sexual e controle social. En *Cadernos de Psicanálise*, 16, (2000), pp. 33 – 55.
- Birman, J.** (2008) Entre o público e o privado. En *Sexos – a trama da vida*, 3 (2010), pp. 6 – 13.
- Birman, J.** (2010) A sexualidade na berlinda. En Prata, M. R (Comp.). *Sexualidades*. Rio de Janeiro, Brasil: Contra Capa Livraria.
- Brandão Júnior, P.** (2010). Abuso sexual: do que se trata? Contribuições da psicanálise à escuta do sujeito. *Psicologia Clínica*, 22 (1). Recuperado en: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Costa-Moura, F.** (2008) Função ética do erotismo e adolescência. En Alberti, S. (Comp.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro, Brasil: Cia de Freud- CAPES.
- França Junior, I.** (2003) Abuso sexual na infância: compreensão a partir da Epidemiologia e dos Direitos Humanos. *Interface* (Botucatu), 7 (12). Recuperado en http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832003000100003&lng=en&nrm=iso
- Freud, S.** (2006). Fragmentos de la correspondencia con Fliess. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. I, pp. 211-322). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1950 [1892-99]).
- Freud, S.** (2006). Proyecto de psicología. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. I, pp. 323-407). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1950 [1895]).
- Freud, S.** (2006). La interpretación de los sueños. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. IV e V, pp. 1-746). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1900).
- Freud, S.** (2006). Tres ensayos de teoría sexual. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. VII, pp. 111-224). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1905).
- Freud, S.** (2006). Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. IX, pp. 137-147). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1908).
- Freud, S.** (2006). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. X, pp. 1-118). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1909).
- Freud, S.** (2006). Pulsiones y destinos de pulsión. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. XIV, pp. 105-134). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1915).
- Freud, S.** (2006). Conferencias de introducción al psicoanálisis. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. XV e XVI, pp. 1-461). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1916-17 [1915-17]).
- Freud, S.** (2006). Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. XVII, pp. 173-200). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1919).
- Freud, S.** (2006). El problema económico del masoquismo. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. XIX, pp. 161-176). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1924).

- Freud, S. (2006). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. En J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. XXII, pp. 1-168). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu (Trabajo original publicado en 1933[1932]).
- GLOBO.COM** (2011). Víctimas de violência sexual são atendidas e enfrentam traumas em hospital de São Paulo. Recuperado en: <<http://g1.globo.com/platb/programaprofissaoreporter/2011/04/05/vitimas-de-violencia-sexual-sao-atendidas-e-enfrentam-traumas-em-hospital-de-sao-paulo/>>
- Hisgail, F.** (2007). *Pedofilia: um estudo psicanalítico*. São Paulo, Brasil: Iluminuras.
- Jorge, M. A. C.** (2008) O Amor é o que vem em suplência à inexistência. En Alberti, S. (Comp.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro, Brasil: Cia de Freud- CAPES.
- Lacan, J.** (1955/1998) A coisa freudiana. En *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1955/1998) Variantes do tratamento padrão. En *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1956-57/1995) *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1957/1998) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. En *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1957-58/1999) *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1958/1998) A direção do tratamento. En *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1959-60/1997) *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1960/1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. En *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1962-63/2005) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1964/1998) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1966-1967) "Le Séminaire, livre XIV, La logique du fantôme". Inédito.
- Lacan, J.** (1967/2003) Alocução sobre as psicoses da criança. En *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1967/2003) Notas sobre a criança. En *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1968-69/2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69). Rio de Janeiro, Brasil: J. Zahar, 2008.
- Lima, S. S & Pollo, V.** (2005) A violência sexual em nossos dias: questões para a psicanálise. *Psicologia: ciência e profissão* 25 (4). Brasília, Brasil: CFP, pp. 558 - 571.
- Mariage, V.** (2000). Construire une névrose infantile. *Les Feuilles du Courtil*. Recuperado en www.courtil.be/feuilles/PDF/Mariage-f5.pdf
- O GLOBO ONLINE.** Abuso sexual contra menores em abrigos do governo choca a Holanda". Rio de Janeiro, 08 outubro 2012. Mundo. Recuperado en <http://oglobo.globo.com/mundo/abuso-sexual-contra-menores-em-abrigos-do-governo-choca-holanda-6328938#ixzz28js1il4l>
- Narvaz, M.G.** (2010) Masoquismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de Psicologia. *Psicologia: Ensino & Formação* 1 (2). Recuperado en http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000200005&lng=es&nrm=iso.
- Pizá, G.** (2010) *Afetosecretos, o vocabulário*. São Paulo, Brasil: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Quinet, A.** (2006) *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Ed.
- Quinet, A.** (2008) O sujeito: uma neo-latua. En Alberti, S. (Comp.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro, Brasil: Cia de Freud- CAPES.
- Santos, S. S. & Dell'aglio, D. D.** Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. En *Psicologia Social* 22 (2). Recuperado en http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200013 &lng=en&nrm=iso
- Sauret, M-J.** (1998) *O infantil e a estrutura*. São Paulo, Brasil: Escola Brasileira de Psicanálise.

Scotti, S. (2009) Psicanálise e literatura, o objeto e o estilo em Flaubert e Joyce. *O Marrare - Revista de Pós-graduação em Literatura Portuguesa*, 11. Recuperado en <http://www.omarrare.uerj.br/numero11/sergio.html>

TJRGS (2009) Depoimento sem dano Recuperado en:
http://www.mp.rs.gov.br/areas/infancia/arquivos/depoimentosem_dano.pdf